

Tiene de Zito: origem, formação e ingresso de uma professora leiga

Hermano Moura Campos* e Charliton José dos Santos Machado**

Resumo

O presente texto, que é um recorte de uma pesquisa mais ampla sobre professoras leigas, tem por objetivo descrever e analisar a trajetória profissional de Tiene Garcia. Primeiramente, é apresentada a ideia de pesquisa, para em seguida colocar a necessidade de dar voz à uma professora sertaneja de origem pobre, e assim trazer os principais achados da pesquisa. A fonte vem de uma entrevista oral, e o método busca indícios e evidências de sua história de vida, formação e profissão. Os resultados apontam para uma interessante discussão que envolve oralidade, vida rural e magistério, que na entrevista se inicia em sua infância, passando pelo processo de alfabetização e culminando na sua atuação em efetivo exercício profissional.

Palavras-chave: professora leiga; formação escolar; ingresso profissional.

Tiene de Zito: the origins, education, and entrance of a law teacher

Abstract

This text, which is an excerpt from a broader research on lay teachers, aims to describe and analyze the professional trajectory of Tiene Garcia. First, the idea of research is presented, and then the need to give voice to a teacher from a poor background, and thus bring the main findings of the research. The source comes from an oral interview, and the method looks for clues and evidence of his life history, education, and profession. The results point to an interesting discussion that involves orality, rural life and teaching, which in the interview begins in his childhood, going through the literacy process and culminating in his performance in effective professional practice.

Keywords: law teacher; school education; professional entry.

Tiene de Zito: origen, formación e ingreso de una profesora laica

Resumen

El presente texto, que es un extracto de una investigación más amplia sobre profesoras laicas, tiene como objetivo describir y analizar la trayectoria profesional de Tiene García. En primer lugar, se presenta la idea de la investigación, para luego plantear la necesidad de dar voz a una maestra del sertón de origen pobre y así exponer los principales hallazgos de la investigación. La fuente proviene de una entrevista oral, y el método busca indicios y evidencias de su historia de vida, formación y profesión. Los resultados apuntan a una interesante discusión que involucra la oralidad, la vida rural y el magisterio, que en la entrevista comienza en su infancia, pasando por el proceso de alfabetización y culminando en su actuación en el ejercicio profesional efectivo.

Palabras clave: maestra laica; formación escolar; ingreso profesional.

* Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Ensino de História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9129-5737>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8033117267779274>. E-mail: hmcamposce@gmail.com.

** Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Coimbra/Portugal (UC). Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação & Educadoras na Paraíba do Século XX. Bolsista de Produtividade em Pesquisa Nível. 1C. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4768-8725>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2036729143677618>. E-mail: charliltonlara@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas Educação & Educadoras na Paraíba do Século XX, aborda a trajetória da professora leiga conhecida popularmente como Tiene de Zito, na zona rural de Lavras da Mangabeira (CE), focalizando sua origem familiar, sua formação educacional e seu ingresso como docente.

Somos fascinados pelo fenômeno do tempo. Embora haja discussões se o tempo possa ser considerado como uma grandeza mensurável por constantes universais (Fleming, 1989), a nossa percepção cotidiana sente a passagem, a duração e, sobretudo as mudanças. Indo além, é possível debater não só o tempo, mas as múltiplas temporalidades pelas quais somos atravessados. Para Bergson, “o funcionamento da memória por analogia com a percepção, ou seja, por meio de uma comparação entre os órgãos de percepção virtual (memória) e os órgãos de percepção real (percepção)” (Dias; Almeida, 2017, p. 71).

Isso nos leva a discorrer sobre como esse tempo se torna significativa para o indivíduo e para a sociedade, entrando assim na categoria da memória. Nas muitas andanças pelo Cariri cearense, conhecemos várias famílias na comunidade do Sítio Oitis, em Lavras da Mangabeira, pessoas conhecidas da nossa família. E tivemos a satisfação de ter contato com a família de Zito Garcia, um humilde e animado agricultor da região, bem como a sua esposa, a Tiene. Eles tiveram vários filhos e filhas, muitos dos quais sempre estavam perto deles, e muitas tardes alegres lá passamos.

Porém, o que nos leva trazer esses fatos nesse texto é que Tiene, esposa de Zito, foi professora leiga por muitos anos. E que, por circunstâncias adversas, tinha sido “rebaixada” a zeladora da escola. Essa informação foi um dos motivos, junto a vários outros, que nos levou ao problema de pesquisa desenvolvido no Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará entre 2016 e 2018, intitulado *Da roça à cartilha: trajetórias profissionais de professoras leigas rurais de Lavras da Mangabeira (1972-1992)*. (Campos, 2018).

Concluída a pesquisa e defendida a dissertação, a retomada da nossa rotina diária como professor da rede estadual e municipal, suas 22 turmas e 300 horas/aula mensais, nos sufocou no que tange a novas ambições acadêmicas. Continuamos conversando com Tiene, Zito e sua família, mas não conseguimos levar a eles uma resposta a partir dos resultados da pesquisa, o que muito nos inquietava.

Em 2024, recebemos a triste notícia de que Tiene havia falecido de acidente vascular cerebral, aos 71 anos de idade, nos deixando bastante desolados, e até arrependidos, de não termos levado a ela um pouco do resultado do estudo em cima da entrevista que nos concedeu em 2017. Atualmente, cursando o Doutorado em Educação pela UFPB, foi-nos possível retomar a ideia de abordar em artigo, de forma mais delimitada, aspectos de sua história de vida, que é bastante peculiar.

Nosso objetivo geral é descrever e analisar a trajetória de vida e profissionalização docente da professora leiga Tiene Garcia, mais conhecida como Tiene de Zito, que atuou na zona rural de Lavras da Mangabeira nas décadas de 1970 e 1980. O problema de pesquisa é buscar, a partir da sua entrevista em diálogo com as referências bibliográficas, vestígios que nos permitam traçar uma narrativa que envolva três aspectos: suas origens familiares rurais, sertanejas; sua relação com o conhecimento e estudos; as negociações que envolveram seu ingresso como professora leiga.

Isso nos leva ao estudo das ações do homem no tempo, ou seja, a história. Mais especificamente, se insere na temática da história da educação, abordando histórias de vida de professores. A singularidade da experiência humana nos chama bastante a atenção, pelo fato de que, no que tange a diversidade social, política, econômica e cultural, cada ser humano têm uma trajetória que é irrepitível e irrecuperável em sua totalidade. Todavia, para o historiador, seu “ofício é lembrar o que os outros esquecem” (Hobsbawn, 1995, p. 11).

Nesse procedimento hermenêutico da história (Ricoeur, 2007), consideramos necessário dar algum retorno social da pesquisa para aqueles que, com tanta atenção e cordialidade, nos fornecem não dados frios, mas a viva experiência de vida narrada em suas reminiscências.

Foi por uma promessa feita a Seu Zito, de fazer mais conhecida a vida de sua amada esposa que tanto contribuiu para a educação no Sítio Oitis, que dedicamos esse artigo, o qual será lido e apresentado à família como uma tentativa de perpetuação da memória da Professora Tiene. E, nesse processo, deixar um texto escrito para que esteja a acesso público, ou seja, retirar essa memória da dimensão local e familiar para um contexto socialmente mais amplo.

METODOLOGIA

Para dar consecução a essa proposta de pesquisa, inicialmente conversamos com Dona Tiene e Seu Zito sobre a ideia de escrever sobre a vida dela, relacionada aos pontos

relacionados à família, formação e ingresso na profissão. Marcamos um encontro na casa de uma amiga dela, a professora Fátima Pessoa, pois em sua própria casa tinha muito barulho e movimento dos netinhos.

O casal foi informado sobre a pesquisa e como pretendíamos fazê-la, com seu consentimento, e no dia da entrevista ficou registrado em áudio o seu aceite e entendimento acerca do uso e da escrita acadêmica a partir de seu relato. Preferimos não utilizar declarações ou termos de aceite por escrito, respeitando o valor que a oralidade tem para essas pessoas, em que uma palavra dita tem tanto valor quanto um documento assinado. Afinal, como nos coloca Kunz, “o sertão é tido como o mundo onde prevalece a lealdade, “da palavra empenhada, do cavalheirismo, que dispensa a autoridade e a lei escrita (...)” (Kunz, 2009, p. 137). Claro que, naturalmente, o avanço da cultura escrita tem ocorrido no Cariri cearense ao longo das últimas décadas, mas Tiene e Zito foram criados em um mundo que essa assertiva citada era ainda geralmente válida. Mesmo assim, tivemos o cuidado na realização da gravação da entrevista, por considerarmos sua relevância histórica e documental. (Machado; Nunes; Nascimento, 2021).

Na data marcada ela chegou pontualmente, e conversamos por cerca de uma hora, período para nós muito precioso e significativo, em que ela teve a oportunidade de trazer, em forma de relatos orais, a viva experiência de vida, sob seu próprio aspecto e percepção. Como coloca Pegg, citado por Goodson:

Comecei a refletir que, para mim, as pessoas que cantavam as canções eram mais importantes do que as próprias canções. A canção é apenas uma pequena parte da vida do cantor e a vida foi sempre algo fascinante. Não poderia compreender as canções sem saber alguma coisa sobre a vida do cantor (...) (Goodson, 2013, p. 66).

A oralidade é uma profunda marca na vida dos povos sertanejos, os quais parecem brincar com o uso das palavras, de forma até poética, e em expressões que desafiam a nossa escrita acadêmica. São indícios, sinais, que o historiador da educação consegue perceber e interpretar como elementos constitutivos de uma cultura rica e diversificada, com íntima relação com a educação, tal como veremos a seguir. (Ginzburg, 1989).

Em nossa proposta a oralidade é a principal fonte desta pesquisa. Porém, mais do que fonte, é uma metodologia, é um saber-fazer que representa a pedra de toque de nosso

trabalho. Ou seja, a experiência viva nas memórias dessa professora dará o tom e a cor da nossa investigação. Como Gizafran Jucá coloca acerca dos relatos orais:

A sua valia possui um significado maior, pois os relatos nos remetem a uma memória social, apresentando uma paisagem onde indivíduos e espaços sociais se complementam, apesar das lacunas que muitas vezes ficam nos depoimentos prestados. (Jucá, 2011, p. 22).

O referido autor justifica sua relevância dada às fontes orais por três motivos: primeiro, o reconhecimento do valor das experiências de vida; segundo a ausência de um compromisso em relatar apenas o que interessa a uma autoridade imediata; e mais importante, pelo estímulo a rememorar o passado em uma sociedade que lhes roubou o espaço. (Jucá, 2011, p. 23).

António Nóvoa, embora destaque a importância das histórias de vida como um meio de melhor compreender o fazer educacional, em contraposição às abordagens estruturalistas vigentes até a década de 1980 (a primeira publicação desse texto é de 1991), avalia que tal metodologia deve ser utilizada com cautela, pois pode gerar “efeitos de moda”, que vão desde experiências inconsistentes de pesquisa até uma apropriação acrítica das fontes investigadas (Nóvoa, 2013).

Por isso mesmo, propõe que o objeto de estudo seja ao mesmo tempo integrador de diversas perspectivas (visto que transcende fronteiras disciplinares) e categorizado, mesmo que seja de forma relativa. Deve-se, ainda, buscar abordagens que apontem no sentido da transformação docente, e que pode valer-se de um grande conjunto de fontes, que vão desde materiais escritos, passando pelas entrevistas propriamente ditas, culminando na análise pormenorizada (microanálise) dessas histórias de vida. (Nóvoa, 2013).

Nossa abordagem é qualitativa, enfatizando aspectos referentes aos significados e possibilidades de entendimento do universo educacional naquele microcosmo que era o Sítio Oitis. Após a entrevista, fizemos a transcrição e procuramos encontrar elementos relevantes para traçarmos uma trajetória de vida que pudesse atender aos objetivos da pesquisa a que nos propomos.

A partir dos relatos orais, podemos aprender como as pessoas observam a si e aos outros ao longo do tempo, de modo que o historiador da educação que trabalha com a oralidade se apercebe como alguém que está olhando o olhar que olha. (Petraglia, 2001). Deve ser sensível às percepções, entendimentos e falas, numa escuta ativa e atenciosa, gerando

assim narrativas que sejam relevantes tanto para a pessoa entrevistada como para seu intento de pesquisa. Pois, compreendemos que “valorizar a escuta pode cooperar para uma diversificação nas formas de sentir, vivenciar e entender a realidade”. (Santhiago; Magalhães, 2015, p. 15)

Fizemos, então, uma entrevista semiestruturada, com essa professora leiga de Lavras da Mangabeira, que atuou nas décadas de 1970-1980. Pretendemos estudar como uma mulher sertaneja, marcada pelo estigma da pobreza, da seca e do descaso do poder público, constituiu-se como professora, bem como as relações desse fazer-se docente em sua própria trajetória de vida.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Vamos apresentar nesse tópico os achados da pesquisa, seguindo o roteiro que nos propusemos diante das problemáticas apresentadas no início do texto, a saber, origem, formação e ingresso. Vamos, na medida do possível, fazer as análises e constatações, convidando também o leitor a ter suas impressões e percepções. Porém, antes nos cabe trazer uma discussão sobre quem são as professoras leigas.

A primeira sensação que tivemos ao se deparar com esse termo, como também colocou Abras, é a de que "dizer que uma professora é leiga expressa uma contradição interna, presente na própria expressão" (Abras, 2005, p. 5). Se para ser professor precisa-se ser profissional, como podem existir professoras que, por definição, não eram profissionais? Como elas conseguiram obter o status de professoras (inclusive constando em suas carteiras profissionais), e muitas delas ainda chegaram a se aposentar nessa condição, se não tinham nenhuma formação profissional? Ademais, o que se conhecia de Tiene é que foi agricultora por toda a vida. Como conciliavam a vida na roça (que acreditamos ser a representação de suas histórias de vida pessoais e familiares) com essa profissão que assumiu?

Chegamos então ao ponto central da discussão que propomos com esta pesquisa: o cerne da profissionalidade docente. Ou seja, só "merece" o status de professora quem teve toda a formação pedagógica, que hoje se põe como imprescindível? Ou é possível trazer essa profissionalidade por outro critério? Propomos como hipótese investigativa que a experiência em sala de aula é válida e relevante para considerarmos essas mulheres como professoras, na acepção plena do termo, refutando, assim, a tese proposta por Abras (2005) que nega às

mesmas esse nome, considerando preferível "regente de classe". No caso da professora sobre a qual estamos escrevendo, a experiência faz a profissionalidade.

Isso nos remete a uma discussão posta por Araújo (2010), em que ela coloca o depoimento de uma entrevistada que não se conformava em ser chamada de regente, pois considerava-se professora tanto quanto as outras, pois o prefeito

[...] botou a gente como regente auxiliar e a gente ficava se perguntando: auxiliar de quem? Fomos estudar para tirar aquela palavra de regente auxiliar e também melhorar quando a gente fosse se aposentar. Por que como a gente ia se aposentar como auxiliar? Nós tínhamos que ganhar novamente o nome de professora. (Araújo, 2010, p. 41)

Dessa forma, partimos da ideia de que Tiene de Zito se tornou professora, mas não pelo caminho convencional da educação e profissionalização formal, mas sim por meio de um duplo movimento: de um lado, da necessidade presente em regiões em que o mínimo de aprendizado pode fazer toda a diferença, e por outro lado, a experiência, manifesta na prática de ensino, que a transformaria em profissional constituída no pleno exercício da profissão. Como nos coloca António Nóvoa: "Estamos no cerne do processo identitário da formação docente, que, mesmo nos tempos áureos da racionalização e da uniformização, cada um continuou a produzir no mais íntimo da sua maneira de ser professor" (Nóvoa, 2013, p. 15)

A relevância dessa proposta de pesquisa se apoia em dois aspectos que consideramos muito importantes: primeiramente, dar voz a essa mulher que, mesmo havendo participado do processo educativo de várias gerações, não teve ainda seu trabalho apreciado. Ou, como nos afirma Araújo em sua pesquisa: "Essas memórias sinalizam um partilhar de um momento que foi vivido pelas docentes que teve uma importância fundamental em suas vidas." (Araújo, 2010, p.63). Se tais memórias foram importantes para suas próprias vidas, então se tornam objeto vivo e interessante aos olhos do historiador da educação: "Se nós somos, se todo indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual" (Ferraroti *apud* Nóvoa, 2013, p. 18).

A riqueza que podem nos propiciar os relatos de história de vida das professoras leigas nos levam ao segundo aspecto da relevância da pesquisa: a contribuição que as professoras leigas deixaram para a história da educação no Brasil e no Ceará rural. Sobre essa questão Therrien nos mostra a importância dessa segunda justificativa quando afirma que:

O fracasso da escola pública não é meramente um fracasso "administrativo", e não pode ser imputado à presença da professora leiga. Em determinados contextos, é ela que ainda salva a escola pública. Afinal, esse fracasso generalizado na maioria das regiões brasileiras ocorre também nas áreas e salas onde lecionam professoras "formadas" nos moldes pedagógicos que regem as estruturas da escola tradicional. (Therrien, 1991, p. 1)

Acreditamos que quando o autor coloca que a professora leiga "salva" a escola pública, não está se referindo a um aspecto soteriológico ou mesmo redentor, mas sim que, através das mesmas, apesar das críticas que sofrem por sua carência de formação e o relativo desprezo por alguns, foram as únicas profissionais que se dispuseram a enfrentar o desafio de educar crianças, adolescentes e até adultos em meio a difíceis condições no campo. As motivações e trajetória de vida que a levou a tomar esse caminho é a própria substância da contribuição dessa pesquisa.

Antes de apresentarmos os resultados, uma nota importante: as transcrições vão respeitar, na medida do possível, os traços da oralidade de Tiene de Zito. Por isso, as citações descritas de sua entrevista não vão seguir a norma culta da língua portuguesa. Como nos coloca Tibúrcio, o pesquisador, ao transcrever uma entrevista, se põe a "serviço do texto transcritível [entrevista] e sua enunciação (transcrição) caminha no sentido de mostrar, com prevalência do imaginário, que a transcrição diz 'fielmente' o que consta no texto transcritível (...)" (Tibúrcio, 2011, p.83).

Manter, na medida do possível, os traços de oralidade que não seguem a norma culta da língua, provém do fato de acreditamos que assim o leitor poderá ter uma melhor ideia de como reconstituir, em sua leitura, a experiência da entrevista a partir dos excertos selecionados.

Origens familiares

A mulher conhecida como **Tiene de Zito**, cujo nome de registro é Juciene Pessoa de Moura, nasceu em 1953. Contudo, a questão do seu nome de batismo se tornou um ponto de curiosidade, visto que ela não foi batizada como Juciene, mas sim como Josefa. Ela mesma esclarece essa particularidade:

[...] eu fico até pensando assim, "meu Deus, com certeza tem o dia que nós vamo", porque ninguém nasceu pra semente, mas eu acho que nem Zito que é meu esposo sabe o nome do meu batistério que eu me batizei, porque o meu batistério eu me batizei como Josefa, que minha mãe disse que era Josefa. Juciene [nome de registro] é apelido. Eu tenho 3 nome por causa de Juciene,

aí as de casa passaram a chamar de Tiene, de Tiene, né? Mais o meu batistério, quando eu morrer e for bater no batistério na igreja vai ter que procurar por Josefa. Mas o povo dizia se tinha o nome de Josefa ou José não morria queimado ou afogado. Era o que minha mãe contava pra mim. (Entrevista com Tiene de Zito, 24/07/2017)

Tiene Garcia se destaca por um estilo de relato muito particular. Ela utiliza um tom de voz suave, quase baixo, ao mesmo tempo em que se dedica a explicar cuidadosamente cada detalhe dos acontecimentos. Sua característica mais marcante é o grande volume de pormenores em suas narrativas, chegando a reconstruir diálogos completos – um traço de oralidade pouco explorado por outras entrevistadas. Além disso, suas memórias são fortemente marcadas pela experiência de vida rural, o que se evidencia, inclusive, no uso frequente de arcaísmos em sua fala.

Tiene enfatiza a importância de sua origem familiar, destacando os valores éticos e os princípios que sempre nortearam sua conduta: "Eu nasci das pessoas pobre, mas humilde. Meus pais sempre foram trabalhador, agricultor, e desde pequena que nós somo de roça. Trabalhamo na roça porque eles não era home sabido (...)" (idem).

Essa foi uma de suas primeiras declarações na entrevista, sublinhando que o trabalho no campo não era apenas uma ocupação, mas sim um estilo de vida fundamental, que moldava a própria constituição do ser. Mais adiante, ela se casou com Zito, pertencente à família dos Garcia, que reside em sua maioria no vizinho Sítio Flores, com quem teve 3 filhas e 4 filhos, com um deles morrendo ainda na infância.

Em seus relatos, Tiene não demonstra grande queixa ou insatisfação com seu marido ou com suas condições de vida. Não há referências à seca, à pobreza ou à fome. O único problema que ela descreveu em detalhes foi quando o prefeito Chico Aristides reteve sua carteira de trabalho, deixando-a desempregada por aproximadamente seis meses. Devido à extensão desse relato, optou-se por abordá-lo em um momento posterior, quando for discutido o tópico do pagamento das professoras.

Assim como outras professoras leigas, Tiene formalmente se aposentou da função de professora. No entanto, seus últimos anos de trabalho foram em uma função bastante inusitada: a limpeza do banheiro da escola. Essa mudança ocorreu porque, tanto ela quanto outras foram impedidas de exercer o magistério devido a modificações na gestão educacional do município, que tiveram lugar na segunda metade da década de 1980, bem antes da Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). De uma perspectiva externa, e reconhecendo a necessidade da medida, a situação não deixava de ser humilhante. Ela relata:

[...] “você vai ficar fazendo assim: você vai ficar na limpeza dos banheiros. O importante é que você fique trabalhando. Tem que tá dentro da escola”. Eu disse “não importa o que seja, eu vou.” O banheiro era até assim no azulejo, limpar tudo, o chão, sem água encanada, no balde. E tinha dia que os alunos fazia de propósito. Tinha dia que amanhecia a privada aparecia esborrotando. Eu tomava um café cedo, fazia um cigarro dessa grossura pra entrar nesse banheiro, pegava o baldão quando jogava assim as bicha chega boiava, podre, podre, podre, podre. Quando ela falou que era pra eu trabalhar assim eu disse “Lucelena, e agora? E a minha carteira como professora?” “Não se preocupe, você pode é apanhar bosta no chão, mas você todo tempo que se aposentar vai ser como professora.” (Entrevista com Tiene de Zito, 24/07/2017)

De forma surpreendente para nós, Tiene narrou essa situação com grande serenidade e ainda mencionou que algumas pessoas fizeram apostas, duvidando que ela aceitaria o cargo, porque um indivíduo comentou que "(...) se fosse a mulher dele, ia passar fome mas não ia aceitar a mulher dele pegar a fama de já foi professora e hoje tá limpando merda." (idem). Tiene aceitou uma tarefa insalubre, sem demonstrar, no entanto, qualquer sentimento de indignidade. Não há, na bibliografia consultada, um único relato de professoras leigas que tenham sido subsequentemente realocadas para funções de serviços gerais. Isso pode sugerir que outros autores não abordaram tais acontecimentos ou que essa pode ter sido uma medida específica implementada no município de Lavras da Mangabeira.

O desfecho da entrevista com Tiene de Zito foi o mais marcante, pois ela atribui ao magistério, e em especial à alfabetização, um valor que moldou sua vida e a de muitos dos seus alunos. A sua conclusão revela uma profunda gratidão e um senso de propósito:

Tem hora que fico assim pensando “meu Deus, eu nasci com muita sorte, meu estudo foi tão pouco!” Mas graças a Deus o pouco que aprendi Deus me deu a inteligência de assim, de eu saber entrar em qualquer sociedade, eu sair, eu falar com as pessoas. Porque tem gente que é tão estudioso mas não tem aquela educação de respeitar as pessoas mais velhas, né? Se vai na rua, fica sem saber a praca duma rua... eu não, graças a Deus meu estudo foi pouco, mas não sou pessoa de chegar e perguntar “que rua é essa?” “que loja é essa?” Eu mesmo sei me dirigir por eu mesma. Porque hoje às vezes hoje até me orgulho quando eu vejo uma professora ensinando. O poquinho que ensinei, continuando pra frente, estão ensinando a meus filho, a meus neto (...). (Entrevista com Tiene de Zito, 24/07/2017)

A professora Tiene de Zito demonstra um perfil profissional com grande consciência da importância da sua função, dos desafios, das rotinas e das diferentes

abordagens necessárias para lidar com os alunos em sala de aula. Sua memória sugere que a profissionalização docente, embora atualmente associada ao diploma e ao estudo formal, se concretiza, na verdade, no cotidiano da sala de aula, no esforço diário de ministrar aulas e acompanhar o desenvolvimento dos estudantes.

Formação inicial da professora Tiene

Um aspecto na formação da professora leiga investigada é o fato de que adquiriu seus primeiros conhecimentos de leitura e escrita fora de um ambiente escolar tradicional, na segunda metade da década de 1960. Convertendo para termos formais, era como se ela não tivesse ultrapassado a quarta série do antigo Primeiro Grau. Tiene, em particular, consegue listar e descrever alguns dos professores que teve. Ela compartilha as memórias de seu início de aprendizado:

A primeira professora minha foi a finada Zefinha Moura, mulher de Luiz Bandeira, aí depois dela meu pai falou assim “não vai dar pra essas menina sair daqui não. Eu vou botar, arrumar uma professora que ensine em casa, porque nem que seja de noite elas vão estudar em casa.” Ele não pagava particular, era uma pessoa doente, aleijadinha, Maria Mangueira, ela andava engatinhando assim, ó, ela passou foi tempo lá em casa. (Entrevista com Tiene de Zito, 24/07/2017)

É evidente, a partir desses relatos, que a educação ocorria essencialmente no lar. Percebe-se a preocupação do pai de Tiene em impedir que as filhas, ainda pequenas, tivessem que se deslocar para estudar em outro local. Isso indica a ausência de escolas formais na região, e nenhuma delas estudou em um edifício especificamente concebido para fins educacionais. Embora os professores fossem pagos pela prefeitura, existiam alguns que recebiam remuneração avulsa para ministrar aulas.

No caso de Tiene, é clara a intenção paterna de garantir que os estudos não interferissem na assistência dos filhos ao trabalho no campo. Isso se manifestava tanto na proibição de estudarem fora quanto na providência de uma pessoa para lhes dar aulas em casa. Maria Mangueira é uma figura popular no imaginário do Sítio Oitis; os relatos informais coletados em nossas andanças por lá descrevem-na como alguém capaz de falar incessantemente por longos períodos e que não tolerava interrupções ou desvios de atenção. Curiosamente, muitas de suas filhas e netas seguiram a carreira do magistério.

Portanto, Maria Mangueira ministrava aulas à noite, facilitando as tarefas diárias da lavoura e garantindo às crianças pelo menos a alfabetização básica. No entanto, o fato de ela

ter morado com a família durante meses sugere que, em certas situações, professores ministravam aulas não em troca de um salário fixo, mas sim em troca de favores, produtos ou, como no caso narrado, por moradia e alimentação. Esse período inicial de aprendizado das professoras leigas revela um universo educacional singular, muito diferente daquele a que estamos habituados hoje.

Podemos conceituar que a escola era o local onde professor e alunos se encontravam. É uma definição mais fluida e abrangente, que pode causar estranheza para aqueles familiarizados com a chamada "cultura escolar", mas que era a realidade para essas professoras. Conforme Araújo observa, uma de suas entrevistadas confirmava que não

[...] contavam com uma estrutura mínima que caracterizasse uma escola, pois não havia sequer um quadro negro para escrever as tarefas escolares, as quais eram passadas pela professora nos próprios cadernos dos alunos. (Araújo, 2010, p. 101)

Um detalhe interessante que essas professoras destacam em seus depoimentos é o fato de que elas se sobressaíram em suas famílias por terem um interesse especial pelo estudo. Como podemos verificar no excerto a seguir:

Porque eu sempre, eu acho que fui a mais interesseira assim, meu sonho era estudar, aprender. Mas já tinha uns, como [cita o nome das pessoas] essas sempre as cabecinha delas não entrava bem não. Era assim, só bota o dedo [faz o gesto de colocar a digital do dedão], nunca aprenderam nem a assinar o nome. E eu não, eu tinha vontade de aprender a ler, escrever, né, e a outra ainda aprendeu a ler. (...) Acho que eu tinha uns 8 a 9 anos na época. Ai quando passou dela eu ainda estudei com Chiquinho de Joca, nós vinha lá de baixo, tivemos mais uma oportunidade de estudar aqui, numa casa véia. Era tudo aqui nas casa, mas também não era pago não, meus pais pagavam uma mirrequinha pra ela. Uma taxinha. Aí nós ia estudar com ela. (Entrevista com Tiene de Zito, 24/07/2017)

A construção de suas narrativas serve para dar sentido ao fato de terem se tornado professoras, uma realidade muito distante da de seus irmãos. Naquele contexto, a simples alfabetização já era considerada uma imensa conquista, da qual todas se orgulham. Atualmente, a alfabetização é vista apenas como o ponto de partida do processo de escolarização, que, em casos que incluem pós-graduação, pode se estender por mais de 25 anos de estudo formal. Araújo (2010) reforça essa ideia ao afirmar que eram visíveis as dificuldades que existiam para encontrar “alguém que ensinasse no lugar, isso porque a

maioria das pessoas era analfabeta. Assim, qualquer um que soubesse ler ou escrever um pouco estaria credenciado a ensinar” (Araújo, 2010, p. 102).

A diferenciação no tratamento dos pais em relação ao deslocamento de filhos e filhas reflete as sociedades patriarcais, onde a importância das mulheres era frequentemente medida pelo grau de proximidade com os homens da família. Carvalho, ao discorrer sobre os ideais de família na sociedade cearense, argumenta que:

O fato, por exemplo, de "pertencer" ou não a uma família aqui nesta cidade [Fortaleza] e em outras cidades do Estado tem um significado particular que, muitas vezes transcende a posição econômica ocupada pelos indivíduos na sociedade. Reveste-se de uma forte representação social que os diversos grupos fazem das relações sociais, de alianças e de consangüinidade. A família, nesse sentido, é também uma realidade simbólica, construída socialmente, que produz e legitima valores, e é fonte de poder e prestígio que, muitas vezes, necessitam ser constantemente lembrados e ressaltados. (Carvalho, 1999, p. 77).

Dessa forma, a postura do pai de Tiene de Zito é compreensível, considerando que esses homens, nascidos entre o final do século XIX e o início do século XX, possuíam uma mentalidade profundamente patriarcal, replicando modelos e práticas familiares que haviam observado e aprendido em suas próprias experiências de vida.

Outro evento que merece destaque é o motivo pelo qual as professoras iniciaram, mas não concluíram, a quinta série do 1º Grau. Em sua entrevista, afirma que o professor Zé Félix “fugiu” com uma aluna, estabelecendo um namoro proibido e optando pela fuga para legitimar o relacionamento. Portanto, o processo de escolarização de Tiene foi interrompido por dois fatores: um de natureza passional (a fuga do professor Zé Félix com a aluna) e outro de natureza tradicional (o impedimento de o pai permitir que a filha estudasse em outros distritos). Ainda assim, teve oportunidade de acesso à carreira do magistério, mesmo com essas circunstâncias difíceis.

Ingresso na profissão docente

O acesso à carreira de professora leiga, conforme revelado nas entrevistas, estava fortemente ligado a negociações políticas e eleitorais. A prática tradicional de trocar favores por votos era comum em Lavras da Mangabeira. No final da década de 1960, este cenário político abriu uma oportunidade maior para o ingresso das filhas dos moradores dos sítios Oitis e Flores

no magistério. O método mais usual era a negociação de votos em bloco, por família, para um candidato específico.

Tiene Garcia descreve como essa negociação política resultou em seu registro e emprego:

Aí o tempo foi passando e aí foi a época da política. Aí meu pai era de muito movimento em Quitaiús, com aquele menino, o Quinco Ferreira, finado Ferreira, aí ele ia se candidatar para prefeito. Aí ele pediu a meu que ajudasse a ele com as votação, os votozin e quantos voto tinha lá em casa. Aí pai falou que tinha as menina mais velha, as duas mais velha, que já votava, as 3 mais velha. Mas tinha outra que era de menor. Aí o prefeito disse “qual a idade dela?”, eu tinha 15 anos, não tinha idade de votar ainda. [Pai de Tiene] “E ela não tem documento nenhum, ela não foi nem registrada, porque não tinha condição de registrar ela.” Eu dei o meu voto. Aí eu disse assim: “se ele der o meu registro e arrumar uma cadeira pra mim ensinar”. (Entrevista com Tiene de Zito, 24/07/2017)

Podemos tecer várias considerações a partir desse depoimento. Em primeiro lugar, a figura do prefeito Quinco Ferreira negociando indicações, por volta de 1970. Embora a troca de votos por favores seja amplamente discutida na historiografia brasileira, é pertinente questionar o porquê de essa prática ter se intensificado nesse período específico.

Uma possível explicação reside nas mudanças na política educacional brasileira no final dos anos 1960, que aumentaram as responsabilidades dos municípios em relação à educação. Isso pode ter gerado a necessidade de contratar professoras rapidamente para prover, no mínimo, a alfabetização da população, especialmente nas áreas rurais.

Outra informação relevante é que, inicialmente, essas professoras não trabalhavam com crianças no ensino primário, mas sim com a educação de jovens e adultos – em especial, a alfabetização. Esse foco se devia à necessidade de preparar eleitores que soubessem assinar o nome, condição obrigatória para votar antes da Constituição de 1988. Assim, muitas pessoas ingressaram na administração pública por indicação política, um fato que persiste, embora com táticas mais elaboradas para contornar a legislação contra o nepotismo.

Apesar das manobras políticas e da troca de votos, a população da região foi beneficiada pela disseminação de um serviço que, na década anterior, não estava disponível. A sede da Cooperativa dos Agricultores do Sítio Oitis e Adjacências passou a ser usada não apenas para reuniões, mas também como local de estudo à noite. A ida de agricultores para aprender a, pelo menos, assinar o nome foi vista como uma conquista.

A questão que permanece é se essa conquista serviu apenas para que os agricultores pudessem negociar seus próprios votos. Essa é uma pergunta sem resposta definitiva, a menos que se presuma que todo agricultor interessado em se alfabetizar tenha interesse meramente em barganhas políticas. Inclusive, Tiene de Zito descreve como motivava os filhos dos agricultores a se alfabetizarem:

Porque eu dizia assim: “vocês se interessem, porque vocês sabem que hoje já estão uns rapazes, eu to uma mocinha também, mas quando vocês receberem um bilhete, uma carta da namorada de vocês todo mundo vai descobrir o segredo de vocês porque vocês não sabem ler e vão pedir pra outra pessoa ler. Aí descobre o segredo de vocês.” E graças a Deus que os que passou por mim eles desarnaram bem, né? Graças a Deus! O que aprendi passei pra eles. (Entrevista com Tiene de Zito, 24/07/2017)

O recurso à possibilidade de ler cartas das pessoas amadas coaduna-se ao interesse político, na medida em que terão uma vida mais completa e desimpedida. Pode-se afirmar que a partir desse movimento político-eleitoral a educação no Sítio Oitis começou a se estruturar. Em pouco tempo, surgiram relatos de mais quatro ou cinco professoras atuando na região, além de coordenadoras, fiscais e pessoal de apoio da prefeitura. Ex-alunos relataram de maneira informal que, com a criação da escola municipal Maria Pessoa de Moura, o interesse pela educação no sítio foi intenso, com salas cheias de crianças durante o dia e agricultores à noite. Assim, a educação escolar básica no Sítio Oitis, embora tenha se iniciado por negociações de cargos por votos, massificou-se ao longo das décadas de 1970 a 1990.

Se a vinculação política a um gestor garantia a vaga de professora, o oposto também era verdade. Tiene de Zito e outras professoras relataram que, devido a dificuldades políticas, tiveram suas carteiras de trabalho suspensas por até seis meses, embora em períodos diferentes.

A perseguição pessoal, muitas vezes motivada por brigas por indicação de cargos, prejudicou enormemente a sua vida. Por outro lado, as negociações e reparações também ocorrem de forma pessoal. Em Lavras, ainda é comum ver o prefeito e vereadores circulando nas ruas, comprando em lojas e cumprimentando a população. Ou seja, o prefeito era uma figura próxima, e pendências podiam ser resolvidas em um encontro direto com o gestor municipal, ao contrário da situação atual, em que muitos políticos mantêm um *staff* de assessores e colaboradores para afastar o público. Conforme Rodrigues aponta:

O voto das bases tinha valor. Era acatado como o pouco que faz a diferença. O uso do voto como barganha deixava entrever um papel ativo para os sujeitos do processo político, contrariava a ideia de subordinação, de passividade. Os líderes das bases municipais mostravam-se com relativa autonomia. O eleitor simples não poderia (...) ser recebido no Palácio da Luz, não poderia barganhar um açude, uma estrada, uma ponte. (Rodrigues, 2017, p. 309)

Dessa forma, toda a vida profissional das professoras esteve atrelada aos gestores municipais, exigindo delas prudência e capacidade de antecipar qual candidato venceria as eleições. Naturalmente, após 10 ou 15 anos de serviço, tornava-se cada vez mais difícil para um prefeito simplesmente demitir a professora, e essa antiguidade no serviço foi usada como argumento para manter o cargo de professora. O depoimento detalhado de Tiene de Zito segue esse caminho, com a diferença de que ela e sua família de fato haviam votado no candidato perdedor:

Aí na mudança de prefeito o outro ganhou, o outro lado ganhou e o meu perdeu, aí aqueles adversário dizia “ah, ela votou em fulano” aí pronto, aí eu fui cortada da prefeitura. Não tinha votado, foi até o finado Chico Aristides que me cortou. Aí fiquei. Já tinha quase uns 18 anos com essa luta de ensinar, né, mas quando ele me cortou aí disseram “aí ele já tem o direito de pagar o direito dela” aí prenderam minha carteira lá na prefeitura, e finado Frâncio Moura foi lá falar com ele e disse “não, ela votou no outro prefeito, não votou em mim”, então fez só pros que votou pra ele.

Ficou um tempo aí a cumadi Lucelena, que era diretora. Aí meu pai tinha ido pra Lavras, a vizinha foi e gritou “ei, Tiene, olha as alvíssaras”! Aí eu disse “se for boa, eu pago”. Tava nem pensando que ele ia assinar minha carteira, trabalhar. “Se tu soubesse.. Frâncio foi lá, falou com prefeito, e disse que ou ele assinava tua carteira pra tu voltar a trabalhar ou ia pagar indenização, num sei o que lá, que tu trabalhou. E ele assinou tua carteira.” (Entrevista com Tiene de Zito, 24/07/2017)

Na situação de Tiene, o apoio político não vitorioso a levou à punição de ficar sem emprego. Isso gerou um mal-estar ainda maior, pois outra professora assumiu suas turmas, criando uma rivalidade marcada por fofocas e intrigas. O problema só foi solucionado com a intervenção de seu primo, um conhecido comerciante do distrito de Mangabeira, que exigiu o pagamento dos direitos trabalhistas. O prefeito, para evitar a despesa, ordenou a recontração da professora. Embora os meses de suspensão tenham sido perdidos, ela conseguiu manter seu emprego nos últimos anos da carreira. Esse fator de negociação também está presente nas pesquisas de Araújo (2010) e Marques et. al. (2016).

Assim, o poder da barganha política se manifestava em todas as etapas da vida dessas professoras, que precisavam calcular a cada eleição o melhor candidato a ser apoiado

para garantir a permanência no cargo. Mesmo após o fim da carreira, era essencial manter boas relações na prefeitura e na secretaria de educação para assegurar a aposentadoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomarmos nosso problema de pesquisa, é possível afirmar que a professora Tiene Garcia teve, de fato, origens bastante distintas e modestas, não pertencendo às grandes e poderosas famílias que dominavam a cena política e econômica do município. Ao lhe dar voz e oportunizar a expressão de sua trajetória, percebemos que a vida agrícola influenciou profundamente sua visão de mundo e suas relações interpessoais.

E, ao (re)memorar o vivido, ela “lançou mão” do que guardou, mas também do que outros sujeitos lembram e contam acerca da sua experiência como educadora leiga. Nesse sentido, a memória é o objeto privilegiado por excelência, torna-se visível que o vivido, embora pessoal, constitui o coletivo e é por este constituído, numa ratificação de inserção do sujeito no social. (Machado; Nunes, Nascimento, 2021).

Além disso, sua alfabetização foi de fato baseada em um aprendizado não-escolar, mas ainda assim eficaz, só frequentando a educação mais formal com o seu segundo professor, o qual, por questões pessoais, acabou não mais ministrando aulas. Ou seja, mesmo que maneira quase informal e incompleta, teve conhecimento suficiente para ser indicada como professora.

O seu ingresso aparece como fruto do jogo político da época, no contexto do Regime Militar, com a exigência de criação de escolas no interior do Brasil, bem como pela necessidade de alfabetizar os agricultores por ocasião das eleições. Passou por momentos difíceis, perdendo temporariamente sua função.

Nosso intuito foi fazer lembrar e deixar escrito essa sua história de vida peculiar, algo que pretendemos fazer mais adiante com outras professoras leigas, dando a elas também o retorno social necessário que a história nos convoca.

REFERÊNCIAS

- ABRAS, Maria Cecília de Medeiros. A voz da regente de classe ou a voz da “professora leiga”? **Intermeio: revista do Mestrado em Educação**, Campo Grande, v. 11, n. 21, 2005, p. 4-15.
- ARAÚJO, Maria das Graças de. **Trajetórias de formação e profissionalização de professoras leigas do município de Itapiúna/CE**. Fortaleza: UFC, 2010. (Dissertação de Mestrado).

CAMPOS, Hermano Moura. **Da roça à cartilha**: trajetórias profissionais de professoras leigas rurais de Lavras da Mangabeira (1972-1992). Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

CARVALHO, Bendito. De que família é você? A “família cearense”: distinção, símbolos e poder. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 30, n. 1, 2, 1999.

DIAS, Kamila Gusatti; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. Memória para Henri Bergson e Paul Ricoeur: buscando aproximações. **Póiesis Pedagógica**, Catalão-GO, v. 15, n. 2, p. 65-81, jul./dez. 2017.

FLEMING, Henrique. O tempo na física. **Revista USP**, jun./ago., 1989.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOODSON, Ivor Frederick. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António *et al.* **Vidas de professores**. Porto (Portugal): Porto Editora, 2013.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

JUCÁ, Gizafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Premium, 2011.

KUNZ, J. R. A renovação do homem e seu mundo na e pela linguagem em ‘Primeiras Estórias’, de Guimarães Rosa. In: ROHDEN, Luiz; PIRES, Cecilia. (org.). **Filosofia e Literatura**: uma relação transacional. Ijuí: Unjuí, 2009.

MACHADO, Charliton José dos Santos; Nunes, Maria Lúcia da Silva; Nascimento, Gabriel Alves do. Rompendo o silêncio: Neuza Bezerra Santos e as eleições municipais de 1968. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 18, jan./jun. de 2021.

MARQUES, Thatyanne Gomes. Práticas docentes de professoras leigas em escolas do campo: uma análise das histórias de vida. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 6, n. 1, jun. 2016.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António *et al.* **Vidas de professores**. Porto (Portugal): Porto Editora, 2013.

PETRAGLIA, Izabel. **“Olhar sobre o olhar que olha”**: Complexidade, Holística e Educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Talvez em nome do povo... uma legitimidade peculiar**. Fortaleza: EdUECE, 2017.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História oral em sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

THERRIEN, Jacques. A professora leiga e o saber social. In: BRASIL, ME. **Professor leigo**: institucionalizar ou erradicar. São Paulo: Cortez, 1991.

TIBÚRCIO, Públio Henrique Nunes. **A emergência da subjetividade no ato de transcrição**: da oralidade à transcritora. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação

em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

Tiene Garcia. Entrevista. Lavras da Mangabeira, 24 julho. 2017.

Recebido em: *Junho/2025.*

Aprovado em: *Novembro/2025.*